

EMPRESA, EDUCAÇÃO E MERITOCRACIA: A PROPÓSITO DE MICHAEL YOUNG

Sérgio Luiz de TOLEDO PIZA *

RESUMO: Meritocracia é uma categoria social estabelecida nas posições dominantes por deter o conhecimento e o talento necessário e socialmente legítimos. A aquisição de competência escassa objetivada nos diplomas e adquirida nos concursos do sistema escolar é a estratégia de permanência no poder e em posições hierarquicamente privilegiadas da classe dominante. O racionalismo utilitarista e a valorização do progresso e do não-desperdício de recursos humanos concorrem para o projeto hegemônico meritocrático mascarado pela pseudo igualdade de oportunidades na educação formal. A fábula de Young, *The Rise of the Meritocracy, 1870-2033: An Essay on Education and Equality*, é uma visão do que seria esse "admirável mundo novo" meritocrático.

PALAVRAS-CHAVE: Meritocracia. Educação. Empresa. Igualdade. Progresso. Talento.

Em *The Rise of the Meritocracy, 1870-2033: An Essay on Education and Equality* publicado na década de sessenta e mais atual do que nunca, Young¹ narra a fábula do "admirável mundo novo" tecnoburocrático. Este comentário não trata de discutir a precisão das previsões de Young, por vezes até satíricas, mas de salientar que realmente há uma tendência do caráter fictício dessa obra ir confundindo-se com o real e que, por isso, ela é um instrumento atual e importante para a análise da composição e dos novos disfarces que a classe dominante vem adquirindo para garantir a sua hegemonia.

O narrador encontra-se nas vésperas de uma greve geral em maio de 2034, que está sendo organizada pelos Populistas para comemorar um ano de agitações. Uma de suas preocupações é se maio de 2034 repetirá 1789 ou meramente 1848. Ele discutirá as causas históricas, pois acredita que se esses movimentos foram ou não organizados explicitamente pelos Populistas, certamente foram pela história. Uma opinião é implícita: "Não há revoluções, somente o acréscimo lento de mudanças incessantes que reproduzem o passado enquanto o transformam"².

* Aluno do curso de Mestrado da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas.

1. YOUNG, Michael. *The Rise of the Meritocracy, 1870-2033: An Essay on Education and Equality*. Baltimore, Pinguin Books, 1967.
2. YOUNG, Michael. *The Rise...*, op. cit., p. 13.

Uma mudança fundamental que ocorreu entre o início e o término do século XX foi quanto à distribuição de inteligência entre as diferentes classes sociais. No início, as classes altas tinham a mesma porção de gênios e mentecaptos do que as classes baixas. A inteligência era distribuída mais ou menos ao acaso, isto é, a parte era como o todo. Entretanto, houve um processo de redistribuição da inteligência que configurava, já na metade do século, a identidade entre classe dominante e inteligência. Aos talentosos foi dada a oportunidade de ascenderem de acordo com as suas capacidades e, conseqüentemente, a classe baixa ficou reservada para aqueles com qualificações inferiores. Mudou-se a natureza das classes sociais e a parte deixou de ser como o todo.

O pensamento moderno tecnoburocrático, que prima pela ênfase no desenvolvimento, no progresso e na eficiência, através do ideal de que uma nação deve fazer o melhor uso do seu material humano e pregando que "o progresso social depende do grau em que o poder está relacionado com inteligência"³, foi responsável pelo fato das escolas e as empresas terem adotado progressivamente o critério do mérito. Modos de pensar tais como "a civilização não depende da massa estólida, mas da minoria criativa"⁴, propiciaram a formação da meritocracia e o seu reconhecimento, por parte da sociedade, como classe dominante legítima. O progresso é o trunfo da meritocracia e o mundo moderno é o seu monumento, construído a seu modo e ao seu gosto.

Todavia, "toda seleção de um é a rejeição de muitos"⁵ e os rejeitados constituem-se cada vez mais numa ameaça para a ordem social. Qualquer que seja o regime político, por maior poder coativo que possua, necessita do consenso da sociedade e, somente assim, tem a garantia da manutenção da situação vigente. A fábula de Young é a reflexão e a análise histórica do processo que culminou num momento de "dis-senso", ou seja, num momento em que há a concretização do fracasso da meritocracia em integrar e ajustar os rejeitados, isso porque a distância entre dominantes e dominados tornou-se tão grande que os primeiros perderam qualquer senso de visão que não fosse o seu, ficaram tão imbuídos com a ideologia, tecnoburocrática que as reivindicações das classes baixas pareciam-lhes algo fora do real.

A importância do fato da educação ter se tornado compulsória, do patronato ter sido abolido no serviço civil e a competição passado a ser a regra para a admissão, é tal para a constituição da meritocracia como classe social dominante que Young toma 1870, data de tais eventos, como marco inicial da era moderna e toma a Inglaterra, local de tais eventos, como carro-chefe da Revolução Intelectual. É o momento em que o mérito torna-se o árbitro e o conhecimento, o critério. A educação não seguiu

3. Id. *Ibid.* p. 14.

4. Id. *Ibid.* p. 15.

5. Id. *Ibid.* p. 15.

de imediato o exemplo do serviço civil, mas certamente a sociedade, tal como se constituiu, é um memorial para esses pioneiros. Hoje a elite é selecionada de acordo com o intelecto e educada de acordo com merecimento; “não uma aristocracia de nascimento, não uma plutocracia da riqueza, mas uma verdadeira meritocracia de talento”⁶.

Até a reforma do serviço civil a grande parte da sociedade era governada pelo nepotismo. No mundo agrícola do século XIX o *status* era atribuído por nascimento e não por mérito. Classe a classe, *status* a *status*, ocupação a ocupação, os filhos seguiam os pais, que tinham seguido os avós. Havia uma hierarquia de *status* dentro da família. Assim como a família, era a vida. Assim com a vida, o reino. Assim como o reino, o Reino do Céu. Logicamente essa rígida estrutura da sociedade não encorajava a ambição da juventude. A justificação para a herança em família no caso da agricultura era bem auto-evidente. A herança primeiramente induz esforço, empenho, introduz responsabilidade e preserva a continuidade. A Inglaterra dependia da agricultura primitiva; com o crescimento da indústria, o feudalismo perdeu a eficiência, mas a tradição rural manteve-se na Inglaterra, dada uma série de condições favoráveis.

A influência aristocrática não teria durado tanto, mesmo na Inglaterra, sem o suporte da família. Os pais preferem os filhos que outros ou o Estado. “Imaginar méritos onde nunca existiram era uma psicose sancionada por milhões de lares”⁷. “Por centenas de anos a sociedade foi um campo de batalha entre dois grandes princípios — o princípio de seleção pela família e o princípio da seleção pelo mérito”⁸. Os pais desejam igualdade de oportunidade para todos, extra para seus filhos. A resistência da família foi subestimada. “A família é inspirada mais em lealdade do que na razão, como era costume nos tempos feudais”⁹. Apesar das reformas, a família vem se conservando como o mesmo tipo de instituição. As análises históricas indicam a oposição da família ao progresso e às necessidades da meritocracia. A aristocracia e a família são causas gêmeas de inércia e eram um estorvo para a Inglaterra como para qualquer país inserido na competição internacional.

As guerras do século XX, apoteoses da competição internacional, foram uma estufa para o princípio do mérito. A afirmação que numa guerra não há vencidos nem vencedores, todos sofrem, não passa de mera retórica. A guerra estimulou invenções e, ainda mais importante, estimulou o melhor uso dos recursos humanos. Na I Guerra a *U.S. Army* aplicou testes de inteligência sendo seguida por todos os demais exércitos devido ao sucesso obtido. Na II Guerra, a Inglaterra mostrou novamente a eficiência da seleção psíquica. Cada criança da escola elementar que se

6. Id. *Ibid.* p. 21.

7. Id. *Ibid.* p. 30.

8. Id. *Ibid.* p. 30.

9. Id. *Ibid.* p. 31.

tornava um oficial do exército, onde o teste promovia mais por mérito do que por parentesco, era um argumento bastante forte para a reforma educacional, ou seja, para a utilização do princípio do mérito na educação. Em nome da produção e pelo medo de um país ser vencido na competição mundial é que a educação adotou definitivamente o critério do mérito e a família teve que ir abandonando as tradições feudais. Era a ameaça do outro país, mais especificamente, a ameaça da ciência do outro país. A demagogia do progresso e da produção abre o espaço de poder para os meritocratas, para os tecnoburocratas. Surgem os novos "deuses", os únicos que pensam de maneira "correta".

Os socialistas, na medida em que encorajaram o crescimento da organização de larga escala, em que atacaram toda a influência da família e em que denunciaram a herança da propriedade, contribuíram para os critérios de promoção pelo mérito fossem divulgados e aceitos. Em resposta a pressões incessantes por igualdades de oportunidade, o governo britânico desenvolveu a escola elementar, a educação passou a ser gratuita e o número de universidade multiplicou. O sistema educacional apresentava um desempenho progressivo e fundamental. A Lei de Educação de 1944 introduzida por um ministro conservador no Governo de Coalisção e proposta pelo Partido Trabalhista determinou que as crianças seriam educadas de acordo com sua idade, capacidade e aptidão, aquelas com maior capacidade obteriam uma educação mais elevada.

Parece-me que Young deixa claro que a meritocracia é uma classe social que está acima de diferentes posições políticas parlamentares e propostas burguesas ou "socialistas". A meritocracia é a classe que se aperfeiçoa e se destaca dos demais capitalistas e que também coopta os principais líderes e os mais capazes das classes inferiores, principalmente através da educação, com a função e a necessidade de desenvolver o capitalismo enquanto capitalismo. Ideais progressistas e desenvolvimentistas, quer sejam "comunistas", social-democratas, ou ferrenhos capitalistas que os proclamem, não passam de mantos que cobrem e mistificam a dominação da meritocracia, vale dizer da tecnoburocracia.

No campo das ciências biológicas desenvolveu-se a genética, ou melhor, a lei da desigualdade genética. Para cada homem excelente existem dez medíocres, "e o objetivo de um bom governo é assegurar que os últimos não usurpem o lugar da ordem social que deve pertencer aos melhores"¹⁰. Um método para isso é o já falado enfraquecimento da família; outro método complementar é o que visa o aumento da influência da escola. "Até a metade do século, socialistas práticos identificavam igualdade com avanço pelo mérito. O problema começou quando os de esquerda enfatizaram uma interpretação diferente da igualdade e, ignorando diferenças na capacidade humana, desejosos que todos, com talento ou sem, frequentassem as mesmas escolas e recebessem a mesma educação básica"¹¹. Para eles, separar os inteligentes dos estúpidos era aprofundar

10. Id. *Ibid.* p. 40.

11. Id. *Ibid.* p. 41.

a divisão de classe. Acreditavam que todas as crianças, independente do sexo, credo, raça, classe, ou habilidade deveriam ser tratadas conjuntamente.

Como a competição entre economias era uma competição também entre escolas, havia um interesse em técnicas de produção estrangeiras e técnicas de educação estrangeira. Os socialistas glorificavam as nações com escolas abrangentes, principalmente a União Soviética e os Estados Unidos. Alguns socialistas ingleses chegavam a supor que o fato de os E.U.A. não terem movimentos socialistas era porque, na essência, já eram um país socialista. Viam os E.U.A. como próximos de uma sociedade sem classes e julgavam responsável por isso a escola abrangente. Esse argumento é falacioso. As crianças americanas possuíam pais detentores de condição financeira favorável para que lhes patrocinassem escolas particulares e, além do mais, os E.U.A., diferentemente da Europa, precisavam evitar um caos poliglota. A educação americana era de nível inferior à britânica. Os E.U.A. podiam desperdiçar recursos humanos, dada a riqueza em outros recursos. A URSS, recusando-se a separar o capaz do incapaz, deixava de formar uma elite estudantil, o que para os ingleses era um orgulho conseguir formar. Tanto nos E.U.A. quanto na URSS a ausência da competição na escola era compensada pela pressão exercida no lar. Os exames de admissão nas universidades russas tinham um nível superior àquele que as escolas secundárias forneciam, o que favorece, obviamente, as crianças oriundas de lares culturalmente favorecidos. Parece-me que se forma um ciclo no qual capital cultural é acrescido a capital cultural e que o aspecto democrático da escola abrangente é apenas um aspecto, favorecendo a que os filhos das classes dominantes ocupem as posições dos pais e "mereçam" herdá-las.

A Inglaterra tornou-se a primeira na revolução intelectual do século XX, justamente por não adotar o sistema de escolas abrangentes. Se na América a competição era depois do período escolar, na Inglaterra era durante. Os ingleses tinham como princípio que os cérebros excepcionais requerem ensinamento excepcional, os anos dispendidos por estes nas escolas durante a infância sendo tratados como pessoas comuns são um desperdício. Os E.U.A. e a URSS forçavam a criança a fazer tanto aquilo em que era boa, como aquilo em que não era.

É difícil imaginar uma sociedade que não considera o indivíduo pelo seu mérito, que não leva em consideração as necessidades "progressistas" da sociedade como um todo. Daí a falência da escola abrangente. Além do mais, a tradição aristocrática inglesa sempre foi muito forte, o que não se coaduna com os princípios da escola abrangente. Foi devido a isso que a meritocracia desenvolveu-se relativamente cedo na Inglaterra: "por degraus imperceptíveis uma aristocracia de nascimento tornou-se uma aritocracia de talento"¹².

12. Id. *Ibid.* p. 48.

A classe dominante aprendeu que o melhor meio de derrotar a oposição é cooptar os seus líderes. Isso significa apropriação e educação das crianças capazes das classes baixas o quanto antes possível. "A escada educacional é também uma escada social"¹³, onde as crianças inteligentes deixam a classe baixa. "Os garotos rudes que começam com cinco anos de idade na base deviam se metamorfosear, degrau a degrau numa mais apresentável, mais polida, e mais confidente, tão bem como um rapaz mais informado no topo. Ele tinha que adquirir um novo *accent* — a característica de classe mais indelével na Inglaterra"¹⁴, para, somente assim, abandonar o estilo de vida das classes baixas e adquirir o da classe alta. Essa é a principal função da escola, embora isso não signifique que ela não tente obter sucesso em aprendizagem propriamente dita.

A abundância de empregos e os bons salários, gerados pela II Guerra Mundial e auxiliados pela Lei de 1944, fomentaram a expectativa dos pais das classes baixas em relação a melhor educação para os seus filhos. Já em 1950, praticamente em toda Inglaterra, as chances de uma criança com certa capacidade entrar na escola não dependia de sua ordem social. No entanto, para as crianças das classes baixas era mais fácil entrarem do que permanecerem. O primeiro passo dado para sanar esse problema foi o pagamento de subsídios. Não foi suficiente, pois pais irresponsáveis desviavam a utilização do dinheiro. A solução foi um salário de aprendizado igual à média do ganho juvenil na indústria. Alegando-se que a capacidade do trabalhador era menor do que a do estudante, elevou-se relativamente o salário de aprendizado e, em 1972, os estudantes recebiam 60% acima dos trabalhadores. Depois disso, poucos abandonaram os estudos prematuramente por motivos econômicos. Os salários dos professores aumentaram. Para que uma escola atraia bons cientistas é preciso que o salário do professor de ciência seja pelo menos equiparado ao do cientista na indústria. O Estado reconheceu que o investimento em educação é recompensador.

Pretendendo que o único critério de seleção fosse o mérito, as escolas esforçaram-se em desprender os estudantes da dependência familiar. Surgiram, então, clubes de fins-de-semana e de fins-de-tarde.

Para que essas reformas educacionais continuassem obtendo sucesso era necessário o crescimento contínuo da eficiência dos métodos de seleção. Houve pressão sobre os psicólogos para que desenvolvessem as técnicas de seleção. O valor dos testes de inteligência já tinha sido demonstrado na guerra e não havia, portanto, motivo para não adotá-lo na educação, principalmente numa sociedade preparada pelo costume a reconhecer a hierarquia da inteligência tão logo ela seja apontada. Ter elevado QI ficou sendo o principal requisito para pertencer à elite. Houve oposições, sem efeito, dos que afirmavam que a segregação dos estúpidos e dos inteligentes era a proposta que os testes de inteligência permitiam concluir: E,

13. Id. Ibid. p. 53.

14. Id. Ibid. p. 53.

de fato, estatisticamente, a maioria das crianças com alto desempenho nos testes tinham alto desempenho escolar e, posteriormente, na vida. Por causa de dois fatores — a descoberta de que a inteligência pode variar de acordo com o ambiente ser favorável ou não e que cada pessoa atinge o seu maior QI em uma idade específica — é que as pessoas passaram a ser encorajadas a prestar novos testes de cinco em cinco anos. Seria injustiça social e desperdício para a sociedade classificar uma pessoa definitivamente de estúpida. No “admirável mundo novo” de Young há um Cartão Nacional de Inteligência que indica o QI do seu portador. Um sucesso num novo teste é genuinamente um recomeço, tanto que o cartão é substituído. Isso fez que algumas pessoas se tornassem muito obsessivas e que alguns trabalhadores ficassem com ciúmes quando um colega fosse para um ginásio ou universidade.

Por meio século, as escolas foram o alvo de reformas. O talento era aclamado na escola mas não na indústria, em razão da “classe dos homens velhos”. Estes têm sido, no transcorrer da História “a classe governante mais duradoura: uma vez estabelecida, cada aristocracia, cada plutocracia, cada burocracia, tem sido uma gerontocracia e mesmo sob democracia, governo pelo povo, do povo, para o povo, significava governo pelo velho, do jovem, para o velho”¹⁵. A meritocracia estava ameaçada de transformar-se em mais uma gerontocracia. Se esse perigo não tivesse sido evitado, a revolução intelectual teria sido incompleta.

A educação decidia o ponto de entrada na indústria que, por sua vez, determinaria aonde uma pessoa terminaria. Uma minoria de empregadores mais perceptíveis seguiram o modelo do serviço civil e, ignorando a escolaridade, deram maiores oportunidades para que os empregados inteligentes ascendessem na hierarquia da empresa. Surgiam os *self-made men*, “a vergonha da escola era o orgulho da fábrica”¹⁶.

Uma segunda fase começou por volta de 1950, com a valorização da educação acadêmica. No período de transição, quando alguém chegava à fábrica não encontrava a competição seletiva que havia na escola. Em outras palavras, não se competia com os mais velhos e só era possível atingir o topo da hierarquia com mais de 50 ou 60 anos. A história da fase mais recente é a história de como o princípio de superioridade em idade foi substituído, gradualmente, pelo princípio do mérito.

Uma contra-força importante da gerontocracia foi a pressão dos jovens. Estes não aprendem só coisas diferentes, atualizadas às necessidades atuais, eles também aprendem mais, pois os níveis de ensino são mais altos e os métodos de pedagogia melhores. Outra contra-força da gerontocracia é a de que alguns velhos, por terem sido despedidos, tornam-se “traidores” do seu grupo de idade. O fato de ser despedido equivale à perda de *status* e, além disso, é impossível começar da base novamente e atingir algum cargo importante. Esses velhos, por interesses pessoais,

15. Id. Ibid. pp. 79-80.

16. Id. Ibid. p. 82.

acabam por apoiar o princípio do mérito. Mais uma contra-força da gerontocracia foi o desenvolvimento da avaliação do mérito que se tornava progressivamente mais mensurável.

Convém salientar, no momento, que o mérito é composto por inteligência e esforço conjuntamente, ou seja, o gênio preguiçoso não interessa à sociedade e, portanto, não faz parte da meritocracia.

O que se nota é que a avaliação do mérito vai perdendo a subjetividade e adquirindo um caráter cada vez mais objetivo conforme a classe dominante vai assegurando para si a posse da "inteligência". Na medida em que isso acontece o caráter democrático que vai surgindo dá espaço à ideologia que mantém a ordem social.

Dois grupos principais constituem a classe baixa na Inglaterra pós-revolução intelectual:

- 1 — A maioria, que é segunda geração de classe baixa, exceto as crianças inteligentes que ascenderam por meio da escada educacional;
- 2 — A minoria, que é primeira geração de classe baixa que são os estúpidos da classe alta.

Antes de 1980, a mobilidade descendente era incomum. Os pais da classe alta com crianças estúpidas faziam o possível para assegurar-lhes um *handicap*: compravam vagas em escolas particulares aonde nunca seriam avaliados por mérito, gastavam muito em estímulos como livros, viagens, etc. Depois de 1980, com o reconhecimento do mérito na indústria, ficou cada vez mais difícil de o estúpido passar por inteligente. Os *déclassé* sofrem, "mas foram prevenidos pelas suas limitações intelectuais de dizerem quanto"¹⁷.

Assim formou-se "os 5% da nação que sabem o que 5% significa"¹⁸. O conhecimento foi se acumulando de geração a geração. A Sociologia ensina que nenhuma sociedade é completamente estável, sempre existem tensões e conflitos. Já foi visto algumas tensões que foram circunstâncias da ascensão da meritocracia: família e comunidade, diferentes partes da estrutura educacional, jovens e velhos, *déclassé* e outros membros do proletariado. Agora será visto, pelo método da análise histórica, a consequência do progresso para as classes baixas, particularmente para aqueles que nasceram dentro dela.

Há um século, um tipo de igualitarismo floresce por causa de dois princípios contraditórios de legitimação do poder — o princípio do parentesco e o princípio do mérito. Aproximadamente todo mundo acreditava em ambos. Quem tinha adquirido privilégio com base num só princípio podia ser atacado a partir de outro. Muitas pessoas com pais ricos e com benefícios de um lar favorecido culturalmente, que podiam viajar e serem

17. Id. Ibid. p. 100.

18. Id. Ibid. p. 103.

enviadas para as melhores escolas, não podiam afirmar: "Eu sou o melhor homem para essa profissão", porque sabiam que não tinham obtido seu lugar numa competição aberta. A classe socialmente inferior poderia ser biologicamente superior. Os trabalhadores julgavam-se em posições inferiores por não terem tido a chance e não porque *eram* inferiores. "A injustiça educacional permitia às pessoas preservarem as suas ilusões, a desigualdade de oportunidade alimentava o mito da igualdade humana"¹⁹.

Conforme as pessoas foram sendo classificadas por capacidade, o espaço entre as classes foi se tornando, inevitavelmente, vasto.

As classes altas não são mais enfraquecidas pela auto-dúvida e auto-análise; sabem que o sucesso é somente a recompensa pela sua própria capacidade, pelo próprio esforço, por sua própria e indubitável realização. Um dos problemas modernos característico é o de alguns membros da meritocracia tornarem-se tão impressionados com a sua própria importância que perdem a simpatia dos governados e tornam-se tão sem tato que mesmo pessoas de baixo QI ficam desnecessariamente ofendidas. As pessoas das classes baixas sabem que lhes foram dadas todas as chances. São testadas a toda hora. Tiveram várias chances para demonstrar sua capacidade. No passado, o *status* era inferior porque não se tinha tido oportunidade. Hoje, a pessoa é inferior, o que causa problemas psicológicos. Essa situação é remediada por uma filosofia ensinada nas escolas. Estas "têm uma função mais importante do que equipar os seus alunos com algumas habilidades elementares; ela também tem que infiltrar uma atitude de mente que seja útil ao desempenho efetivo de suas tarefas futuras na vida"²⁰. Além disso, alguém quando abandonava as esperanças era confortado pois, apesar do seu baixo QI, o seu filho poderia entrar para a meritocracia. Os membros das classes baixas vão ao trabalho, são conscientes e respeitosos com as suas famílias, mas são sem ambição, inocentes, incapazes de compreender claramente o funcionamento da sociedade, para poder apresentar qualquer protesto efetivo.

Neste ponto é necessário uma ressalva. Uma classe baixa, proletária, trabalhadora, enquanto classe nunca é inculta. Na sua situação social, numa situação onde todos são iguais, há, ainda que embrionariamente, relações sociais onde não existem dominantes e dominados e que são gestantes de uma sociedade livre.

"O axioma do pensamento moderno é que as pessoas são desiguais"²¹, isto é, no mundo desenhado por Young, tanto a classe alta quanto a baixa "usam roupas que se adaptam a elas, e (...) é duvidoso se as classes baixas teriam-se tornado tão dóceis a menos que elas tenham achado, de fato, as roupas confortáveis"²².

19. Id. Ibid. p. 106.

20. Id. Ibid. p. 109.

21. Id. Ibid. p. 116.

22. Id. Ibid. pp. 116-117.

“No curso do tempo, a divisão (do trabalho) tornou-se cada vez mais aguda, reproduzindo a divisão da sociedade, com o *staff* técnico sendo constantemente elevado tão logo as máquinas iam se tornando mais complexas, e os operadores de rotina descendo tão logo o trabalho pelo qual eram responsáveis tornava-se mais simples”²³. Cada vez era maior a demanda do homem habilidoso, e cada vez era menor a demanda do homem sem habilidades. Com a automação o *turnover* aumentou, pois a maioria não tinha a habilidade mínima para o trabalho. Muitos sem lugar na indústria foram trabalhar no escritório ou na distribuição, mas essa solução era temporária, a mecanização estava indo da fábrica para os escritórios e lojas.

Desenvolver métodos de seleção era condição para o progresso. Todos são imbuídos da energia para ascender tão alto quanto suas capacidades justifiquem. Antes da sociedade moderna alcançar a maturidade, a ambição teve que ser sempre forçada para cima, e a ideologia das pessoas conduzidas de acordo com as necessidades da nova era científica. O socialismo teve importância indispensável numa mudança psicológica vital — fazendo a disciplina voluntária e colocando um estímulo dentro da mente. O protestantismo inflamou o desejo de aquisição. O limite do protestantismo é que enquanto encorajava a aquisição de riqueza ele não salientava a necessidade de mobilidade social. Os socialistas cuidaram disso, mas não viram que “como foi aplicado na prática, igualdade de oportunidade significa igualdade de oportunidade para ser desigual”²⁴. “O princípio da hereditariedade nunca foi destruído, uma mudança psicológica para a vasta escala que a economia requeria nunca se consumaria sem o auxílio de uma nova religião — o socialismo”²⁵. “Sem as ferramentas de agitação socialista, a classe trabalhadora permaneceria em apatia”²⁶. Depois o socialismo deixou de ser um acelerador e passou a ser um breque, quando demandaram que igualdade deveria ser mais do que igualdade de oportunidade, e também igualdade em poder, educação e renda.

O Partido Trabalhista foi perdendo a força à medida que a classe que representava ia perdendo a inteligência. A redistribuição da inteligência causou a deterioração da Casa dos Comuns. O Partido Trabalhista deixou de existir e passou a ser Partido dos técnicos. Era menos hipócrita. As “trade union” seguiram o mesmo caminho e passaram a ser “trade union” dos técnicos e, assim por diante, todas as associações e conselhos. “As uniões técnicas foram compensadas da perda do poder pelo ganho em respeitabilidade”²⁷.

Toda classe dominante precisa dos melhores títulos morais para governar. Nos tempos feudais o sangue era o título para o poder indisputável. No capitalismo, era a riqueza propriamente dita. Depois vieram os

23. Id. *Ibid.* p. 118.

24. Id. *Ibid.* p. 129.

25. Id. *Ibid.* pp. 129-130.

26. Id. *Ibid.* p. 132.

27. Id. *Ibid.* p. 150.

“self-made men” e os “school-made men”. Gradativamente, e a fábula de Young nos aponta isso, os governantes vão sendo aqueles que de acordo com os novos valores *merecem* vestir o manto real.

“As castas ou classes são universais, e a medida de harmonia que prevalece interiormente a uma sociedade é em qualquer lugar dependente do grau pelo qual a estratificação é sancionada pelo seu código de moralidade”²⁸. Sempre houve conflito entre ricos e pobres no período entre a velha aristocracia e a nova. A história deve ser dividida em antes e depois de 2005. A distribuição de recompensas tornou-se bem mais desigual e ainda com menos disputa que antes. Através do século XX as organizações cresceram e tornaram-se mais complexas e a distribuição de rendas tornou-se necessariamente mais ampla, surgiram mais degraus dentro da pirâmide que através da avaliação do mérito passaram a corresponder a degraus de salários. “Não houve mais nenhuma disputa séria uma vez que a avaliação do mérito foi amplamente entendida e reconhecida como meio próprio de comparar uma profissão com outra”²⁹.

A sociedade nunca funcionou calmamente. A sociedade que se tem construído “não é mais do que um contra-peso de forças opostas contidas num equilíbrio delicado. Toda mudança cria os seus oponentes (...) Enquanto esta análise histórica pode de algum modo explicar a possibilidade de tal movimento, ela não explica porque o movimento tem acontecido nessa forma particular”³⁰.

O manifesto Chelsea, inserido no contexto do movimento contra a meritocracia, pregava que se cultivasse as variedades, ou seja, que se aceitasse a pluralidade de valores, e o objetivo disso é uma sociedade sem classes. Cada homem e cada mulher é valioso em algo e não se deve avaliar as pessoas “somente segundo sua inteligência e sua educação, sua ocupação, e seu poder, mas também de acordo com sua bondade e sua coragem, sua imaginação e sensibilidade, sua simpatia e generosidade (...)”. Todo ser humano deve ter então igual oportunidade não para ascender num mundo na luz de qualquer medida matemática, mas para desenvolver sua capacidade própria especial para conduzir uma vida rica”³¹. O manifesto desejava que a hierarquia da escola fosse abolida e que as escolas fossem estabelecidas com bons professores e que fossem um local para os estudantes receberem atenção individual e estímulo para desenvolverem, a seu próprio passo, o seu desempenho específico. “As escolas não podem considerar as crianças primeiramente e para tudo formada pela Natureza, mas como uma combinação de potenciais que podem ser cultivadas pela Criação”³².

28. Id. Ibid. p. 152.

29. Id. Ibid. p. 154.

30. Id. Ibid. p. 163.

31. Id. Ibid. p. 169.

32. Id. Ibid. p. 170.

As mulheres são as principais líderes das agitações. A sociedade parece, para muitas mulheres, principalmente as mais capazes, construídas de acordo com as conveniências do sexo oposto. Elas quando casam, perdem o cargo para que foram treinadas e devem devotar-se para seus eventuais filhos. Algumas limitaram o tamanho da família para voltarem tão logo quanto possível para o trabalho. Outras denunciaram a família tradicional como um anacronismo e transferiram o papel de mãe para serviçais.

Antes de escolher o companheiro de casamento as pessoas deviam consultar o registro de inteligência. Logicamente, a meritocracia, evitando o casamento entre classes antagônicas, mantém-se homogênea, o que é condição para assegurar-se no poder. O discurso da classe dominante diz que a consulta é de interesse da Nação para manter o QI dos "capazes" elevado e também porque um homem com QI alto não se orgulharia de ter um filho destinado a descender socialmente.

Muito mais do que as mulheres e os populistas, o que desencadeou a série de agitações contra o Estado foi um forte sentimento de oposição da população aos Conservadores. A ala direita do Partido Conservador declarou que quer a restauração do princípio de hereditariedade por não ver mais a necessidade do princípio do mérito e alega não haver mais o porquê da tentativa de fornecer um nível de civilização mais elevado para a classe baixa. Na verdade os princípios do mérito e da hereditariedade estão superpostos. Todavia, é essa superposição que vem enfraquecendo a elite enquanto classe dominante, pois os herdeiros não herdaram o motivo que fizeram os pais ocuparem a posição que ocupam. É com esse enfraquecimento que os Conservadores estão preocupados.

A hostilidade que vem se manifestando esteve latente por muito tempo. O narrador acredita que maio de 2034 na melhor das hipóteses, será como 1848. Não acredita numa mudança fundamental no governo, pois o movimento não tem características revolucionárias, não tem tradição política e há, ainda, o armamento da polícia. A única possibilidade de revolta efetiva seria se as crianças brilhantes das classes baixas permanecessem aí para ensinar, inspirar e organizar. Nesse caso a história seria outra.

ABSTRACT: The meritocracy is a social category established in the dominant positions as a consequence of its holding the necessary and socially legitimate knowledge and talent. The acquisition of scarce competence which is aimed in the diplomas and acquired in the scholar system contest is the strategy for remaining in power and in hierarchily privileged positions of the dominant class. The utilitarian rationalism and the valorization of both progress and non-waste of human resources contribute to the hegemonic meritocratic project which is disguised by the pseudo-equality of formal education possibilities. Young's fable, *The Rise of the Meritocracy, 1870-2033: An Essay on Education and Equality*, is a view of what this meritocratic "brave new world" would be.

KEY-WORDS: Meritocracy. Education. Equality. Progress.
